

VARNHAGEN NO PARAGUAI.

Destina-se êste artigo a divulgar e comentar alguns ofícios enviados por Francisco Adolfo Varnhagen, quando da sua permanência como Ministro Residente em Assunção. Acreditamos no ineditismo dos documentos que ora apresentamos e esta convicção baseia-se no exame das publicações de Clado Ribeiro Lessa (1), que não os transcreveu.

Acrescentamos um relatório de Carlos H. Taylor dirigido ao Conselheiro Varnhagen, por considerá-lo ligado a um dos problemas que mais desentendimentos trouxe às relações brasileiro-paraguaias.

Se, historicamente, a presença de Varnhagen em Assunção pouco representa, julgamos que a divulgação dos ofícios do historiador é uma contribuição à elucidação do problema, ainda que modesta.

Os documentos pertencem ao Arquivo Histórico do Itamarati (2), onde podem ser consultados pelos interessados.

Em alguns ofícios percebemos a preocupação de Varnhagen em preparar a defesa de nossas fronteiras, quer sugerindo a criação de um forte nas cabeceiras do Ivinheima, quer lembrando a necessidade de provimento de gado cavalar para a província de Mato Grosso. Em outros, as atividades econômicas e comerciais surgem em primeiro plano.

Dêses documentos procuramos focalizar aquilo que julgamos de maior interesse para o nosso assunto.

A importância atribuída às relações paraguaio-brasileiras, pela política externa do Império, torna-se marcante ao examinarmos a série de diplomatas enviados pela Secretaria de Estado de Negócios Estrangeiros ao Paraguai.

A primeira tentativa de estabelecimento de relações diplomáticas com o Paraguai data da década de 1820, quando é en-

(1). — LESSA (Clado Ribeiro), *Vida e obra de Varnhagen*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (Vols. 223-227); VARNHAGEN (Francisco Adolfo), *Correspondência Ativa*. Instituto Nacional do Livro, 1961.

(2). — *MISSÕES diplomáticas em Assunção. Ofícios recebidos. 1856-1862* — *Legação Imperial do Brasil*.

viado Manuel Corrêa da Câmara. Na Coleção Rio Branco existem os officios trocados entre o cônsul brasileiro e D. José Gaspar Rodrigues de Francia (3). O Relatório de 1832 apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Sécretario de Estado, Francisco Carneiro de Campos (4) resalta a importância do assunto.

Destruido o isolamento paraguaio e perturbada a região platina pela política de Rosas, Carlos Antônio Lopes cria condições favoráveis à diplomacia brasileira.

Sucedem-se os nossos representantes: Pimenta Bueno, mais tarde Marquês de São Vicente e Pedro de Alcântara Bellegarde, são dos mais significativos. O primeiro, jurista, escritor de vários livros torna-se pessoa grata aos Lopes, reconhecendo a independência do Paraguai, reafirmada solenemente pelo Congresso do país vizinho. Goza de plena confiança do governo paraguaio, da intimidade do presidente, participando da redação de decretos (5) e do primeiro jornal do país: **El Paraguayo Independiente**, cuja principal finalidade foi a da preservação da independência do país, contra as intenções de Rosas de reunificar as antigas províncias do Vice-Reinado do Prata. O êxito do plano de Rosas, que faria da Argentina uma potência poderosa, constituía uma ameaça para o Império.

Pimenta Bueno consegue, indo ao encôntro dos anseios do Paraguai, conservar o país em constante opposição ao governo argentino. Ainda hoje, os historiadores paraguaios olham para a figura do jurista brasileiro como um dos grandes amigos do país.

Pedro de Alcântara Bellegarde não é envolvido pelo mesmo sentimento de simpatia. Durante a sua permanência em Assunção surgem vários problemas e a sua retirada coincide com um período de desentendimentos, que se acentuam com o passar do tempo.

Varnhagen, em 1859, após a vinda da Missão Berges ao Rio de Janeiro, e da presença de Paranhos em Assunção, segue para a capital paraguaia na qualidade de Ministro Residente.

Sua permanência é rápida, alguns meses somente, e os problemas que se arrastavam de há muito fazem-se sentir.

(3). — CORRÊA DA CÂMARA (Antônio Manuel), Coleção Rio Branco n.º 242 do catálogo (62 documentos).

(4). — RELATÓRIO da Repartição dos Negócios Estrangeiros apresentado à Assembléia Geral Legislativa na sessão ordinária de 1832; pelo respectivo Ministro e Sécretario de Estado Francisco Carneiro de Campos — Rio de Janeiro. Tipografia Nacional, 1832 (reedição).

(5). — CHAVES (Júlio César), *El Presidente Lopez — Vida y Gobierno de Don Carlos* (pág. 62). Editorial Ayacucho, Buenos Aires, 1955.

Primeiro, o problema de limites, com a existência de um Território Contestado, situado entre os rios Branco e Apa, que foi no século XIX um dos principais pontos de atrito entre os dois governos. A dificuldade encontrada, no estabelecimento de um acôrdo, provinha do valor estratégico de uma elevação — “Pão de Açúcar”, pertencente ao “Fêcho dos Morros”, limite meridional da área inundável, denominada Lagoa de Xaraiés.

Varnhagen conhecia o problema, estudava-o, e havia redigido uma **Memória** sôbre “Limites” (6) na qual, propunha uma solução. Sugeriu o historiador:

“Convém, pois, se obtivermos do Paraguai a anuência a que ocupemos o “Fêcho dos Morros” e o “Forte Olimpo”, cedermos todo o restante, fora êstes dois pontos, da margem direita do Paraguai até Nova Coimbra”.

A região mencionada pelo diplomata brasileiro foi descrita por um dos demarcadores espanhóis do tratado de 1750: Pe. José Quiroga (7) da seguinte maneira:

“otra notable estrechura tiene el Paraguay mas abajo de los tres cerros que estan en la parte del ocidente, llamados “Los tres hermanos”, a la falda de otro altissimo cerro, llamado “Pan de Azucar”, como doce leguas abajo de Los Tres Hermanos, y es el mas alto de todos los que se encuentran desde la Asumpcion al Tacuari... La estrechura sobredicha, y el Pan de Azucar estan en 21 grados y 17 minutos”.

Há, pois, um estrangulamento do Rio junto ao Pão de Açúcar. Desde a época colonial, os luso-brasileiros lamentavam a instalação errônea do Forte Coimbra, que deveria localizar-se na referida elevação. Atribuíam a um equívoco de seu fundador, que o instalara em local diferente do escolhido (8). A incorporação do Pão de Açúcar ao Território Brasileiro era considerada pelo govêrno paraguaio como atentória à sua soberania (9).

(6). — Citado por LESSA (Clado Ribeiro), in *Vida e Obra de Varnhagen*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vols. 224-225, pág. 128.

(7). — QUIROGA (José), em *De Angelis (Pedro), Coleccion de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de La Plata*. Buenos Aires. Imprenta del Estado, 1835.

(8). — **TÉRMO DA FUNDAÇÃO** do forte de Coimbra. Album Gráfico do Estado de Mato Grosso. Hamburgo, 1914. “Aos 13 dias do mês de setembro (1775) nesta situação chamada Feixo dos Morros, aonde presentemente me acho”, (pág. 349).

(9). — **COLLECCION DE PIEZAS** Oficiales concernientes a las cuestiones paraguay-brasileira. Imprenta da Republica, 1855.

Durante o curto tempo de permanência do historiador-diplomata em Assunção, o govêrno paraguaio apresenta protestos contra a penetração de brasileiros no território contestado (10). Varnhagen sugere a ida do Secretário da Legação Brasileira com as tropas paraguaias, que seriam utilizadas para a demolição de um curral, usado na passagem de gado de uma para outra margem do rio.

Carlos H. Taylor é enviado e de volta apresenta um relato ao Ministro brasileiro (11). Verifica a presença no local de habitantes de Miranda, em número reduzido, através de objetos encontrados. Algumas cabeças de gado traziam marcas que foram identificadas pelos paraguaios como pertencentes às fazendas do Estado. O secretário da Legação julga-as de fazendeiros do Sul de Mato Grosso.

Se não existissem os atritos anteriores, principalmente o que se efetivou na época de Bellegarde (12), quando tropas brasileiras, por ordem superior e provenientes do Forte de Coimbra, ocuparam o Pão de Açúcar, o incidente teria tido as proporções de

“uma simples passagem de algumas cabeças de gado através do rio Paraguai, conduzidas por tropeiros analfabetos e ignorantes dos convênios diplomáticos...” (13).

Outros problemas são abordados por Varnhagen em sua correspondência diplomática (14), à cerca da questão das relações entre o Paraguai e a Argentina, a baixa do preço da herva-mate e o do abastecimento de gado vacum para o Paraguai.

Sugere o diplomata brasileiro que se estabeleça regularmente a troca de gado bovino de Mato Grosso por gado cavalar do Paraguai. Afirma que as fazendas da referida província do Império possuíam rebanhos em quase abandôno, devido a falta de cavalos para o manêjo dos mesmos.

Em officio (15), Varnhagen analisa o assunto detidamente, comunica os esforços dispendidos junto ao presidente da República, no sentido da efetivação da referida permuta. A

(10). — Vide Anexo ao Officio da 1a. secção, n.º 6, 1859.

(11). — Em 3 de novembro de 1859.

(12). — BELLEGARDE (Pedro de Alcântara), Coleção Rio Branco, 549 do catálogo I, 29, 26, 28 (n.ºs 1-8). Manuscritos pertencentes à Biblioteca Nacional.

(13). — LESSA (Clado Ribeiro), Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vols. 224-225.

(14). — No officio confidencial n.º 5 de 12 de setembro de 1859.

(15). — N.º 1, de 4 de setembro de 1859.

impresão que nos deixa o documento é a da existência de grandes rebanhos bovinos na região sul de Mato Grosso, de aproveitamento dificultado pela dizimação das montarias atingidas pela **caderacuhê** (peste de cadeiras).

A impossibilidade da existência de áreas cercadas, sugere-nos “a criação de campo-fora” que se estendeu até a década de 1910, época em que se inicia a instalação das charqueadas.

Diante da “renitente negação” do governo paraguaio, Varnhagen lembra outras soluções:

- 1). — “abertura de uma picada que comunique, desde as fazendas de Miranda, pelo margem esquerda do Ivinheima, aos campos de Guarapuava, onde há **inverno-das tropas e pontas** que se levam de Missões para São Paulo. 2). — outra muito preferível é a da construção de umas seis piráguas ou grandes barças, que leve cada uma 25 animais por banda, para se ocuparem exclusivamente neste transporte, desde Corrientes até além do Apa, sendo tôdas rebocadas por um barco de vapor que só queimasse lenha”.

Finalmente, entre os documentos existentes há um, sem data, propondo a criação de uma colônia militar nas cabeceiras do Ivinheima — dirigida por um rio-grandense entendido no serviço das estâncias — que seria fator de povoamento e ligação com as províncias de São Paulo e Paraná.

Da documentação, salienta-se a importância atribuída por Varnhagen ao desenvolvimento de um rebanho equino, na região sul da província de Mato Grosso.

Em nossa opinião, dois eram os objetos visados: um, o da organização da pecuária bovina, na longínqua província do Império; outro, o da defesa militar, através da criação de uma cavalaria, que não existia e continuou inexistindo, até a Retirada da Laguna, tornando-a, um dos acontecimentos mais dramáticos da Guerra do Paraguai.

*
* *

Índice.

Recusa do Presidente á proposta feita para facilitar o commercio de gado cavallar e muar com a nossa Provincia de Mato Grosso
Expedientes que podem ser adoptados para preencher esse fim.

2a. Secção Legação Imperial do Brazil.

N.º 1. Assumpção, 4 de Setembro de 1859.

Illmo. Exmo. Snr.

Reconhecendo a importancia de facilitar por todas as formas o abastecimento de gado cavallar e muar da vizinha Provincia de Matto Grosso, tratei com o Exmo. Presidente desta Republica de ver se era possivel regularisar esse commercio, atravez do territorio da Republica; embora mediante os devidos direitos de passagens de rios, alcavalas, portagens, na certeza de que tudo isso seria menos vexatorio do que o estado actual deste commercio, todo dependente do arbitrio na concessão das licenças.

2. Por mais reflexões que fiz ao Snr. Lopez, a este respeito, ponderando-lhe as vantagens pecuniarias que dali poderiam prover á Republica, não me foi possivel reduzir-o. A razão mais convincente que me deu é que não podia conceder aos Brasileiros o que não concedia aos Paraguayos.

3. Persuado-me que esta renitente negação podera estimular-nos a um pequeno esforço, feito o qual, poderão ficar em poder de subditos brazileiros ou dos cofres da Provincia de Mato Grosso todos esses valores que hoje se dispendem no Paraguay; de modo que cada cavallo posto no Apa custa mais do triplo do seu primitivo preço em Corrientes.

4. De dois expedientes decisivos me lembro.

Um é o da abertura de uma picada que communique desde as fazendas de Miranda, pela margem esquerda do Ivinheima, aos campos de Guarapuava, onde ha **invernadas das tropas e pontas** que se levam de Missões para São Paulo.

O outro, muito preferível, é o da construcção de umas seis piraguas ou grandes barçaças, que leve cada uma 25 animaes por banda, para se occuparem exclusivamente neste transporte desde Corrientes até alem do Apa, sendo todas rebocadas por um barco de vapor, que só queimasse lenha. Custando cada viagem para menos de treis mil pezos ja os cavallos chegavam a Mato-Grosso mais barato do que actualmente.

5. As mesmas barçaças na descida podiam vir carregadas de lenha desde Mato Grosso, com o que o vapor poderia fazer mui barato todo o trabalho das caldeiras da descida, e ainda parte da subida immediata, pois a mesma lenha no curso do Paraguay sae cara.

6. E querendo se ter mais algumas **piraguas** para depositos de lenha, poder-se-ia descer com todas carregadas, e deixar no caminho algumas que servissem para ajudar á subida.

Submettendo estes arbitrios á illustrada consideração de V. Excia., aproveito esta occasião para reiterar-lhe os protestos do meu profundo respeito e distincta estima e consideração.

Francisco Adolpho de Varnhagen.

Illmo. Exmo. Snr.
Cons.o José Maria da Silva Paranhos.

*

Confidencial Legação Imperial do Brasil.
N.º 5. Assumpção 12 de Setembro de 1859.

Illmo. Exmo. Snr.

Acabo de estar com o Presidente desta Republica, convocado a isso por um chamamento seu.

Demorou-me S. Excia. mais de duas horas; falou em muitos assumptos, mas na maioria parte delles o que se disse não passou de mera conversação sobre suas relações com Roma, com Hespanha e com a Grã-Bretanha.

A parte verdadeiramente substancial, mais essencial e quasi official da entrevista, foi relativa aos negocios da Confederação Argentina com Buenos Ayres em que o Snr. Lopez instava comigo para que lhe dissesse se não me parecia que o Brasil ia tambem a mediar.

Respondi que eu nada absolutamente sabia de officio, nem tinha sequer noticias particulares que me habilitassem a dar-lhe a tal respeito informação alguma.

Acrescentou que apenas triunfe completamente um dos partidos, o Brasil e o Paraguay difficilmente poderão seguir por muito tempo sem receber do vencedor algum vexame, e que era melhor desde já prevenir esse caso; que o Paraguay estava prompto a pelejar, que até o desejava, não só para se dar a conhecer, como para acabar com esses gastos enormes que está fazendo com o exercito nesta paz armada, muito mais agora que os gastos encarecem em Corrientes, e a herva matte havia baixado consideravelmente de preço em Buenos Ayres; e que finalmente elle não queria morrer sem ter pelejado.

Ponderei que não duvidava que o Paraguay estivesse prompto a pelejar, mas que não atinava a comprehender a explicação desse desejo, quando dahi só lhe podiam provir gastos e até perigos; pois ainda quando tivesse a certeza de vencer sempre, as mesmas victórias as vezes se pagavam caras.

Que pelo que respeitava aos gastos enormes, em um paiz como esta Republica, em que todos se moviam a um simples aceno seu, poderia conciliar tudo, licenciando in-

terinamente muitos soldados, que instantaneamente correriam no momento de serem convocados de novo.

Que em quanto ao encarecimento dos gados em Corrientes, lhe ficava o recurso de compral-os a troco de cavallos em Mato Grosso, onde hoje estavam baratissimos havendo ate difficuldade em laçal-os, em virtude da falta de cavallos exterminados pela tal peste, que aqui denominam **caderacuhé**.

Que a baixa ao preço do matte não devia dar-lhe cuidado, quando no dia em que a isso se resolvesse, não faltaria quem contratasse com a Republica algum emprestimo, principalmente tendo para elle tão bôa hypotheca como é a mesma produção do matte.

Que não concebia os seus desejos de pelejar: que o mais difficil em quem governa é o poder, sem soffrer nada a propria dignidade e, deixar de pelejar, e que eu julgava que a todo o tempo seria para elle mais glorioso ter governado tanto tempo, sempre em paz, se com dignidade e segurança do Estado, podesse sustentar uma tal paz.

Todas estas minhas ponderações foram acompanhadas de outras de S. Excia., para sustentar o que dissera; mas eram de tão pouca entidade que me fizeram crer que as proposições enunciadas pelo Snr. Lopez não provinham de convicções bastante profundas, e não eram mais que pretextos para se informar se o Brazil tinha tomado alguma resolução acerca de mediação ou intervenção, ou talvez acerca de defesa do Paraguay se este fosse agredido.

Disse o Snr. Lopez que as noticias que vinham de baixo eram que o Brazil fazia simultaneamente promessas a Buenos Ayres e ao General Urquiza.

Respondi que conforme fosse as tais promessas, se é que effectivamente as fazia. Que eu nada sabia das resoluções tomadas pelo Governo Imperial sobre a sua politica do Prata, depois da minha partida de Montevideo. Que anteriormente a opinião geral se havia manifestado em favor da não intervenção.

“Mas é que o Brazil e o Paraguay hão de ser obrigados a lutar”, ponderou o Snr. Lopez.

Isso agora é outra coisa disse eu. Se o Imperio fosse provocado, se se attentasse contra as nacionalidades do Estado Oriental e do Paraguay reconhecidos pelos tratados, se enfim viesse a haver o empenho de encher o Brazil de razões taes que o obrigassem a romper, elle faria o seu dever, segundo lhe dictasse sua dignidade e seus interesses. Mas ainda neste caso, acrescentei, o mais natural seria que as provocações começassem primeiro

muito longe do Paraguay a menos que este não quizesse de intento ajudar a ellas.

Tal é, Exmo. Snr. em substancia, a parte mais essencial da conferencia que hoje teve comigo o Snr. Lopez, e que entendo dever levar ao conhecimento de V. Excia.

Agora peço licença para não concluir este officio, sem nelle exarar algumas idéias, filhas de apprehensões ou convicções que se apoderaram principalmente do meu animo, ao ouvir, durante um mez de residencia em Montevideo, graves discussões sobre estes negocios do Rio da Prata.

Não hesito um instante em crer que qualquer que seja o vencedor na contenda, o Imperio se verá logo irremediavelmente com elle a braços, e por tal forma que não teremos outro recurso senão romper, pois quanto mais soffremos, mais quererão que sofframos.

A idéa geral no Rio da Prata, e até aqui no Paraguay é de que temos medo; que preferiríamos dar as rendas do Estado de varios annos, a ter uma guerra.

A nossa politica ultimamente pouco resoluta na apparencia com relação a estes paizes, tem nos feito perder todo o partido que havíamos ganho em Monte Caseros, e contamos aqui quasi tantos inimigos, quantos são os que, em partidos oppostos, se occupam de politica com enthusiasmo.

Nem creio que uma intervenção armada, resolvida hoje, podesse atrahir em nosso favor os vencedores. Creio que, pelo contrario, ajudando-o a vencer com menos custo, deixaria mais forte e mais orgulhoso o proprio partido auxiliado por nós pouco antes como em 1852.

Não falta quem creia que em quanto uma vez mais o Imperio não combater só no Rio da Prata, não se convencerão nossos visinhos de que podemos passar sem alliados, e não deixarão de nos tratar tanto de resto, até com o apodo de certo animal bimano dos nossos bosques.

Não desejo a guerra e reconheço que até pertence á diplomacia a desvial-a, se é possivel, ainda quando mui imminente. Mas se por todos os modos o Brazil fôr provocado para ella, se outros a desejarem, se não for possivel evital-a, creia que talvez nunca se apresentará ao Imperio outro momento mais propicio para contar com resultados favoraveis della, do que agora com Buenos Ayres exhausta, com Entre Rios coberta de **montaneros**, Corrientes emigrando, San Juan e Cordoba quasi em sublevação.

Se chegasse porém esse triste momento, entendo que do Paraguay so devíamos tratar de assegurar a completa neutralidade; pois corria risco de arredar as suas tropas do proprio territorio, e dos seus vapores não carece, graças a Deos, o Imperio.

Aproveito esta occasião para renovar a V. Excia. os protestos do meu profundo respeito e da minha distincta estima e consideração.

Francisco Adolpho de Varnhagen.
Illmo. Exmo. Snr.

Cons. José Maria da Silva Paranhos.

*

Annexo ao Officio da 1a. Secção n.º 6-1859.

Copia N.º 1.

Ministerio de Estado de Relaciones Exteriores — Asuncion Octubre 14 de 1859 — Al Illmo. Exmo. Señor Don Francisco Adolpho de Varnhagen Ministro Residente de S. M. el Emperador del Brasil en el Paraguay.

Tengo el honor de comunicar a V. E. el desagradable acontecimiento que instruye el parte que el 5 del corriente ha dado el Señor Comandante del Vapor nacional "Jejuí" — al Señor Coronel Mayor de Plaza sobre lo ocurrido en el puerto del Pan de Azucar cuyo tenor textual es como sigue.

Em comandante del vapor nacional "Jejuí" — Al Señor Coronel Mayor de Plaza Ciudadano Venancio Lopez. — El infrascrito comandante tengo el honor de dar cuenta a V. S. que en mi arribo al Fuerte de Olimpo al aproximarme el dia 1.º del corriente á las tres de la tarde al Cerro de Pan de Azucar distingui á la distancia como de doce cuerdas una partida considerable de ganado en pastoreo **en el chaco** cuyo numero no he podido calcular porque se hallaba muy disperso y en lugar bastante macioso: al enfrentar recodo que forma el rio vi que al pié de dicho Cerro habia un corral pequeño de palenque com una manga hasta el rio, destinada a conducir los animales al rio á la boca y á un costado de la cual habian dos canoas hechizas, y en corral habia un corto numero de ganado que tam poco me fue posible calcular fijamente por estar muy agrupado, pero no bajaria de veinte cabeças: tambien se hallaban en aquel lugar como veinte individuos dispersos sobre la barranca, y cuatro en el corral en ademan de manobrar con los animales.

En mi discenso del Fuerte de Olimpo al siguiente dia 2 volvi a enfrentar á la una y tres cuartos de la tarde el mismo lugar que dejo referido, a tiempo que trataban de un pasage de siete cabezas de ganado del Cerro para el Chaco con la proteccion de ocho hombres en las dos canoas referidas, y siendo vistos por el vapor hicieran retroceder al momento el ganado a ganar la manga, barandando las canoas, y subiendose ellos sobre la barranca donde

se divisaban dos individuos con armas al hombro. Paseándose en aquel lugar uno de los cuales dio un grito: tambien observé que en el Chaco habia menos ganado del que se dijo ver a mi arribo, lo que parecia indicar que se hubiese internado el mayor numero dejando algunas cabezas que pudieran servir de ciñuelos para continuar el pasage lo que dejaba entender una gran charqueada de carne tendida sobre juncos amarrados en los árboles. — He observado que los individuos que trabajaban en la faena del pasage de ganado todos ellos estaban vestidos con camisa, calzoncillos, chiripas de Lana y algunos con pantalones, lo que me andujo a creer que no eran selvages. Quise en mi arribo detener el vapor con el objeto de reconocer de cerca esa gente, pois no pude verificar á causa de que llevaba al remolque la goleta. “Aquidavan” — conduciendo sobre la cobierta el ganado de gasto para la guarnicion de Olimpo. Al regreso tuve igual embarazo por el remolque del “Aquidavan” — Es cuanto tengo el honor de hacer presente a V. S. para lo que estime conveniente.

Dios guarde a V. S. muchos años. Abordo del vapor nacional “Jejuí” surto en el puerto de la Asuncion a 5 de Octubre de 1859 — Jose Maria Martinez” — El Gobierno de la Republica no pudiendo mirar con indiferencia el denunciado pasage de ganados del Puerto de Pan de Azucar al Chaco está dispuesto á ordenar el arribo de un vapor de guerra con alguna fuerza de desembarco para destruir cuales quiera poblacion que se encuentre en el Pan de Azucar, ó sus alrededores en inteligencia de que el Brasil en conformidad a su Tratado vigente con el Paraguay no debe tolerar ningun genero de poblacion en el Pan de Azucar ni permitir correspondencia de los selvages de Miranda con los del Chaco, ni consentirles el denunciado pasage de ganado, y como puede esperarse alguna resistencia de cualquier clase de gente que se halle en el Pan d Azucar, tengo a bien comunicar a V. E. — Aprovecho esta ocasion para renovar a V. E. las seguridades de mi mas distinguida consideracion — Assig.o Nicolas Vasquez.

Conforme:

Francisco Adolpho de Varnhagen.

*

Copia n.º 2.

Legação Imperial do Brazil — Assumpção.
18 de Outubro de 1859. Snr. Ministro.

Tenho presente a nota de V. Excia. de 14 do corrente, transmittindo-me por cópia o teor da parte do Comandante do vapor “Jejuí” a respeito de certa gente que

se avistara passando gados de uma a outra margem do rio Paraguay junto ao Pão d'Assucar, e communicando-me que o Governo da Republica está disposto a enviar lá um vapor com alguma força, afim de fazer frente á resistencia que lhe possa oppor a povoação que ali se encontre, a qual acrescenta V. Ex. não deve ser pelo Brazil tolerada.

Cumpre-me responder a V. Ex. que tendo o Brazil tanto interesse como esta Republica, ou ainda mais, em que o facto se esclareça devidamente, eu seria o primeiro a propor que fosse a reconhecê-lo um vapor da marinha imperial, se aqui o houvesse; e por tanto não posso deixar de concordar na conveniencia da expedição que V. Ex. annuncia se as tropas que vão devem regressar immediatamente.

Deséjaria somente que pudesse tambem vir no vapor a um tal reconhecimento o addido servindo de secretario desta Legação Carlos Hopley Taylor.

Espero que V. Ex. receberá esta franca resposta como a mais cabal que me fôra possivel dar aos outros topicos da nota de V. Ex. acerca da correspondencia entre os indios de Miranda e os do Chaco, e suas passagens de gados. Consta-me que este commercio está até prohibido no Brasil, e que, se tem logar, é unicamente por contrabando difficil de evitar, como sempre nos terrenos contestados. — Aproveito esta occasião para renovar a V. Ex. a segurança da minha distincta consideração.

(Assignado) Francisco Adolpho de Varnhagen — A S. Ex. o Sr. Don Nicolas Vasquez, Ministro Secretário d'Estado de Relações Exteriores,

Conforme.

Francisco Adolpho de Varnhagen.

*

Assumpção, 3 de Novembro de 1859.

Illmo. Exmo. Snr.

De regresso hoje, ás 4 e meia da tarde, da commissão que V. Excia. se dignou confiar-me, apresso-me agora a dar-lhe uma exata e minuciosa relação de tudo quanto nella se passou.

Tendo sahido deste porto no dia 25 do mez pp., á 1 da tarde só chegámos em frente ao Pão d'Assucar, ás 7 e meia da manhan do dia 31. A demora desta viagem foi devido a termos soffrido um encalho de 36 horas no passo de Itapucuguaçu, 3 e meia leguas abaixo da confluençia do Apa.

No mento de afrentarmos o segundo monte que forma a morraria do Pão d'Assucar (o mesmo que por

nos foi occupado em 1851) notei sobre a barranca do Chaco, por entre palmeiras, o movimento de algum gado e de um homem a cavallo em acção de arrebanhal-o. Só com o oculo de alcance foi que pôde depois distinguir a qualidade do gado, a saber, vaccúm, e, calcular o seu numero de 12 a 16 cabeças. Descobri ainda mais dois homens juntos a um curral além do logar em que estavam o cavaleiro e o gado. Os homens trajavam calças, poncho e chapéo de palha, e o curral que era feito de palmeiras carandás, poderia admittir de 30 a 40 cabeças.

Mal tinha eu lobrigado o que acabo de referir, ouvi dizêr que se avistáva tambem gente na fralda do dito segundo morro. Com effeito volvendo a vista para o logar que se me indicáva, vi duas figuras (que me pareceram homens) assentadas debaixo do arvoredado junto a margem do rio, numa pequena enseada que elle ahi forma. Disseram no momento varias pessoas abordo ser uma destas figuras mulher, e á um dos machinistas que applicou o oculo, pareceu ser uma delas um indio, em razão de se lhe figurar ver o cabello amarrado á moda dos payaguás. Mais adiante avistei na praia, na distancia de 30 braças, pouco mais ou menos para cá do referido logar, uma canoa em secco com o fundo para cima.

Apenas foram vistos esses homens, fundeou-se por ordem do Commandante, asséstaram-se as peças e a tropa paraguayá dispõe-se a effectuar um desembarque.

As duas figuras que se tinham conservado assentadas, observando este movimento, mal viram dirigir-se para a ribeira duas lanchas com gente armada, desapareceram pelo mato. A tropa composta de 38 praças e 2 officiaes, desembarcou e dividiu-se logo em duas partidas internando-se por entre os arvoredos.

No entanto continuei a fazer de bordo as minhas observações, e notei que na ribeira, no logar onde ella se tornava pedregosa e intransitavel, havia justamente em frente ao curral do Chaco, uma manga ou cercado que se estendia até a borda d'água, formando uma passagem entre elle e os rochedos.

Expediu o commandante immediatamente ordens á tripulação para demolir essa manga e qualquer outro cercado que existisse, atirando á agua qualquer objeto que se encontrasse no logar do pouso. A ordem foi fielmente cumprida, presenciando eu de bordo não só a destruição da referida manga como tambem a de uma cerca que rodeava o arranchamento. Vi egualmente lançarem ao rio muitos objetos.

Entretanto no lado do Chaco o cavalleiro que tinhamos visto desaparecer com o gado no momento de ancorarmos, havia voltado ao curral, e apezar das intima-

ções que se fizeram a elle e a seus dois companheiros para virem abordo, ficaram impassiveis no mesmo lugar. Já então tínhamos observado uma canoa que se achava atada a um remo fincado no barranco do Chaco, na direcção do curral.

As 9 horas voltou uma das partidas, tendo batido o campo que fica por detraz do morro, sem encontrar signaes dos dois fugitivos, avistando somente dois cavalos que ahi pastavam.

Só tive occasião de desembarcar quando voltou para bordo uma das lanchas, ainda que o commandante se mostrasse contrario a esta minha resolução. Desembarcando vi logo na margem uma enfiada de piranhas, mais adiante uma pequena fogueira e atadas a umas arvores uma vaca e trez novilhas. Espalhado pelo chão existiam uma porção de caronas e um couro estaquiado de fresco, não se descobrindo indicios de rancho ou barracão. Soube então dos marinheiros que o cercado corria da fralda do morro para borda d'água, do lado em que dava sahida para o campo.

Pouco a pouco foram os soldados e a marinhagem trazendo do mato alguns laços, arreios, polainas de viagem, cangalhas, freios, esporas, bruacas, serigotes, alguma roupa como camisa e calças de algodão, dois machados e uma espingarda. Esta, além de velha e ordinaria, estava completamente inutilisada por ter o cano rachado em dois lugares. Na coronha lia-se o seguinte. — “Deos protege o caçador”.

Encontrou-se juntamente um saquinho de sal, outro de feijão, outro de pregos e varias cuias para beber agua. Grande parte destes objetos estavam escondidos no mato, aonde eu os vi junto a um tronco d'arvore numa volta que dei. Haviam pelo mato varias picadas bem batidas que corriam em differentes direcções. Descobriu-se tambem no mato varias arvores de sumauma derribadas e uma canôa dessa madeira em construcção. Foi ella logo escangalhada á golpes de machado por ordem do commandante; e egual fim teve aquella que se tinha avistado em secco sobre a praia e que se achou já incapaz de navegar.

Partiu uma segunda vez a companhia que se achava de volta desde as 9 horas, e regressou novamente pouco depois com os dois cavallos que tinham apercebido no pasto. Eram animais velhos e cansados, tendo marca de ferro nos quartos.

Sahiu uma terceira vez esta partida, mas agora em busca da outra que já tardava. As 1 e meia da tarde appareceu esta tendo explorado as visinhanças do morro em varias direcções sem encontrar absolutamente nada que

annunciasse por ali algum estabelecimento. A outra apresentou-se igualmente logo depois sem melhor sorte.

Embarcaram então os soldados e a tripulação, passando para bordo do vapor as quatro rezes apprehendidas e matando em terra os dois sendeiros.

Durante o tempo que se explorava essa parte do Pão d'Assucar, havia o cavalleiro no Chaco Voltado do interior por varias vezes para junto dos seus dois companheiros, que se conservavam assentados. Foi só então que distinguí ser a cavalgadura desse homem uma mula arreada com lombilho; e não obstante, asseverar-me o commandante do vapor que esse individuo era negro, estava convencido, como ainda estou, do contrario.

Pela volta do meio dia, vimos apparecer, por um momento, mais adiante na barranca do Chaco, uma porção de gado que calculámos novamente em 12 a 16 cabeças. Sem duvida, era o mesmo que se tinha internado, e que tinha sido levado para esse ponto mais afastado, afim de não ser percebido pela gente do vapor.

Seriam 2 horas da tarde quando notei o desaparecimento dos dois homens assentados, havendo o cavalleiro estado com elles pouco tempo antes.

As 3 e meia dirigiu-se o vapor para o lado do Chaco com o fim de explorar aquella paragem. Ahi desembarcou a tropa em duas partidas como anteriormente e desapareceu por entre os carandás. A tripulação, no entanto pelas ordens que recebera desmanchava o curral e espedaçava a canôa.

Dentro de meia hora regressaram as duas partidas sem haverem encontrado nem os homens, nem o gado e nem um só rancho, trazendo unicamente alguns despojos, que consistiam de tres para quatro pares de calças de algodão grosso e de chita, um mosquiteiro, uma rede de algodão, um machado, um facão, uma espingarda de dois canos carregada e com a marca de — Rio de Janeiro —, duas bolsinhas com varias miudezas como roزاریo, polvorinha e chumbeiro de chifre, e um pedacinho sujo de papel em que estava escrito.

“— Sa (adiante uns algarismos)

Poche

de M.da té qui 22 dias

Esta ultima linha interpretei eu — de Miranda até aqui 22 dias — Estavam esses caracteres escritos em lapis e em muito boa letra.

Embarcada a tropa, o vapor seguiu rio acima até o fim da ilha do Pão de Assucar, e regressou a fundear em frente ao logar onde se tinha feito as explorações.

Passamos ahi a noite e na manhan seguinte, depois de se ter de novo explorado e reexplorado as visinhanças

do referido morro, levantámos ferro com direcção a esta capital, conduzindo as 38 praças e os dois officiaes que fizeram parte da expedição.

Agora com a devida licença de V. Excia. passarei a fazer as seguintes considerações a que estou habilitado, não só pelo exame que fiz do local, como pela assistencia da referida exploração.

Em primeiro logar, é evidente que a passagem se fazia da parte do territorio contestado para o Chaco.

A presença unicamente de cinco homens, duas canoas, dois cavallos e algum gado, cujo numero não excederia de vinte cabeças não prova a existencia de um estabelecimento fixo nas terras do Pão d'Assucar, apezar de ja se ter notado ahi essa gente, segundo se diz, ha mais de seis mezes.

Os objetos ahi encontrados eram para bem dizer pertencentes de viagem; e os cercados que existiam eram feitos unicamente para evitar o extravio do gado na sua passagem de uma margem para a outra.

Com muita facilidade se levantaria nesse logar, em muito pouco tempo, uma ou mais habitações, visto a abundancia de madeira, pedra e palha nas visinhanças.

Não haviam carnes extendidas, nem indicio algum de charqueada, um so couro fresco estaqueado no chão, e tendo a marca A não era senão a pelle de uma rez carneada para o sustento dessa gente.

Não ha dados sufficientes para se affirmar se eram indios ou não, visto não termos tido occasião de vel-os de perto, nem tam pouco conversarmos com elles.

Pela minha parte não hesito em crer que são subditos civilizados do Imperio que atravessam o rio Paraguay com o intento de permutar com os indios do Chaco o seu gado vaccum pelo cavallar, que tanta falta faz á Provincia do Matto Grosso.

Em todo caso, é claro estar essa gente em relação intima com os habitantes do Imperio e afeitos aos nossos usos e costumes. Isso está provado pelos vestuarios encontrados, pelos arreios dos animais, pelas espingardas com letreiros, pelo pedaço de papel escrito e por alguns grãos de farinha de mandioca que notei pegados ao fundo das cuias.

Do gado apprehendido só uma novilha estava marcada; no quadril direito tinha f e no esquerdo O . Os officiaes paraguayos quizeram vêr na marca A a das estancias do estado nas margens do Apa. Na minha opinião tanto esta como as outras não são senão marcas particulares dos nossos fazendeiros na visinha Provincia.

E' tudo quanto tenho a communicar a V. Excia. a quem reitero os protestos do meu profundo respeito e da minha mais distincta estima e consideração.

Carlos H. Taylor.

P. S. Esqueci-me de fazer sciente a V. Excia. de uma facta do qual tive conhecimento na minha passagem pela guarda denominada Confluencia, que está situada na margem do rio Paraguay, a 1 e meia milha abaixo da desembocadura do rio Apa. Fui sabedor nesse logar pela propria boca de um cabo do piquete, que a gente de seu mando extendia frequentemente as suas caçadas pelo territorio contestado a dentro.

Por julgar este facta de alguma importancia o communico a V. Excia.

Illmo. Exmo. Snr.

Com.o Francisco Adolpho de Varnhagen.

*

Se a provincia de Matto Grosso sem questão, de todas as do Imperio, a que melhor pode coadjuvar qualquer plano de uma politica previsorá acerca das visinhas republicas da Bolivia, do Peru e do Paraguay, ao mesmo tempo parece indubitavel que não é a da sua capital, a Cuiabá, que melhor poderão chegar as qualquer ponto da fronteira, atravez de sasonáticos pantanaes, soccoros promptos.

Quanto ao Peru e Bolivia, nenhuns receos por emquanto nos devem inspirar essas republicas pouco povoadas e com seus centros de actividade tambem a grande distancia. Outro tanto porem não succede ao Paraguay cujas tendencias de absorção do territorio de Matto Grosso, em virtude da proximidade da Assumpção, tem crescido progressivamente de 1750 para cá, e ainda é de temer que cresçam para adiante se no não prevenirmos desde já devidamente.

A prevenção que lembramos consiste em levar para perto da fronteira, a fim de contrabalançar a influencia da proximidade da capital paraguaya, uma forte colonia militar. A posição para esta colonia está indicada pela natureza nas bellas campinas das cabeceiras dos galhos mais meridionaes do rio Miranda, ao S.O. de São João de Antonina, em alguma paragem de facil trajecto para as contravertentes correspondentes dos galhos do Ivinheima.

Por meio desta colonia, que se podia desde logo declarar quartel de algumas companhias de cavalleria, conseguiriamos não só ter logo dahi muito melhor vigiado do

que de Miranda a nossa fronteira do Apa, como viriamos em breve a ter ahi um nucleo de povoação, que contribuiria muito a civilisar todo esse territorio por onde em breve se ligaria melhor o proprio Cuiabá as provincias do Paraná e São Paulo.

A nascente colonia, confiada a um chefe activo e honrado, e com mais vantagem a algum Rio Grandense entendido no serviço das estancias, haveria que levar desde logo dos campos de Guarapuaya, ou até de Entrerios, se fosse possivel, grande numero de eguas, e fazer que os posseiros desses campos ou a que delles recebessem sesmarias se obrigassem a manter nelles maior numero (talvez o dobro) de cabeças de gado cavalari que vacum. Deste modo este districto viria no mesmo tempo a alimentar para o futuro a remonta da cavallaria da Provincia.

Conforme:

Francisco Adolpho de Varnhagen.

UACURY RIBEIRO DE ASSIS BASTOS

Professor de História da Civilização Americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (Estado de São Paulo)